

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-276-0

DOI 10.22533/at.ed.760192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado.

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em

solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades.” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos

sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ISABEL O MUERTE!**: **O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA *EL CAUDILLO* (1973-1975)**, a autora Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski, busca investigar procuramos demonstrar como a revista *El Caudillo de la Tercera Posición*, mesmo não se declarando como uma publicação da direita peronista, possuía um discurso pró-Isabel e de aniquilação dos infiltrados e traidores. Seu tom ameaçador através do slogan “*el mejor enemigo es el enemigo muerto*”. No artigo **OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER** o autor ou autora CLAUDIA PEIXOTO CABRAL, buscam abordar a relação de dominação e controle, exercida pelo Estado, no contexto histórico dos protestos de junho de 2013, a partir da concepção de construção discursiva em ocorre a criação de uma imagem que instaura uma representação estereotipada discriminatória da ação coletiva e do sujeito manifestante. No artigo **A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO**, os autores Camila Cuencas Funari Mendes e Silva Mariele Rodrigues Correa Leonardo Lemos de Souza buscam analisar o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice têm sua história e,

esta, é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferente. No artigo **A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA** o autor Gabriel Pancera Aver buscou-se analisar de forma pormenorizada dois desafios enfrentados pela democracia representativa, a saber, a dificuldade de separar representantes e representados, a formação de uma elite política distanciada das massas e a ruptura do vínculo entre a vontade dos representantes e a dos representados. No artigo **A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA** a autora Érica Elisa Nickel, apresentou os resultados de pesquisa do programa de educação para o trânsito, direcionada à pessoa idosa, denominado “Boa prosa sobre trânsito” ocorrido em Curitiba, no Paraná, entre 2014 e 2016, realizado por uma organização não governamental. No artigo **A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO**, as autoras Francisca Janice Silva Ana Paula Fernandes Cunha, objetivo deste é elucidar a necessidade da implantação do pensamento complexo, para o processo de aprendizagem do coordenador pedagógico como formador de professor, na abordagem transdisciplinar. No artigo **A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA**. As autoras Andréia de Oliveira Militão e Angela Maria Sales Barros buscam trazer informações relevantes sobre a DA com ênfase à genética e aos novos avanços, coletadas, através de revisão bibliográfica, e anteriormente publicadas em revista científica e anais de congresso, foram reorganizadas e disponibilizadas de forma a facilitar o conhecimento sobre a doença, ao acesso e contribuir com pesquisas voltadas ao entendimento da doença. No artigo **A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE** a autora Amanda Rebeka Lima de Souza buscou se, no presente trabalho, compreender os modelos de gestão que são usados atualmente na regional do Alto Acre. Avaliar a dinâmica territorial é fundamental para a pesquisa. Para isso, foi necessário o levantamento de documentos, leis e projetos em escala nacional, estadual e municipal. De acordo com os resultados encontrados, as políticas públicas implantadas na regional não atendem a maior parte da população que habita ali. No artigo **A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ** as autoras Janaiára Maria de Paiva Ferreira e Sandra Maria Fontenele Magalhães buscam entender o processo de luta dos camponeses pela conquista da terra do assentamento Ubá do município de Santa Quitéria- Ceará, buscando apreender como os camponeses resolveram resistir e lutar contra a dominação dos latifundiários. No artigo **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS**, os autores Everton Gabriel Bortoletti e Laise Ziger buscam identificar os desafios e potencialidades da participação social no Conselho Municipal de Política Cultural de Chapecó (CMPC), tendo em vista suas peculiaridades de atribuições, composição e representação. No artigo **A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO, os autores Fernanda Penteado, Alison Diego Leajanski, Willian Samuel Santana da Roza buscam pontuar os principais fatores que podem configurar a prática da agricultura familiar enquanto possibilidade de permanência das pessoas no espaço rural, destacando alguns aspectos referentes ao êxodo rural e a sua problemática, assim, apresentar uma discussão teórica e conceitual. No artigo **A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA** busca analisar a moda não é somente a escolha do vestuário, mas está ligada a formas culturais de expressão e principalmente de linguagem. É através dela que o sujeito pode demonstrar sua personalidade, seus costumes e representar uma dada forma de ser, atribuindo significados e valores para essa ação. Acredita-se que todos esses significados englobam a semiótica e moda que dentro dessa perspectiva é vista como um produto cultural desses significados. No artigo **A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA**, os autores Isa Stavracas, Ana Lee Claudio, Rebeca Josiane Ferreira da Silva, Sandra Esteves de Camargo, Vanessa Alves Duarte de Oliveira, buscar fazer uma análise da transição vivenciada pelos alunos da educação infantil para o ensino fundamental, a fim de verificar como os níveis de ensino se articulam para dar continuidade aos processos que envolvem o lúdico que se iniciam na educação infantil e devem se formalizar nos anos iniciais do ensino fundamental I – Ciclo de Alfabetização. No artigo **A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA** os autores Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida, Universidade, Stefani Monique Vasconcelos, Sheila Marta Carregosa Rocha, buscam investigar o seguinte: De que forma o projeto de extensão intitulado “Universidade Aberta a Terceira Idade” desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia pode contribuir com a inclusão social e otimização do bem-estar dos idosos residentes na cidade de Brumado – Ba. No artigo **AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO**, os autores Helane Santana Cruz e Vínicius Zacarias Maldaner da Silva buscam relatar o caso de uma idosa atendida pela equipe de estratégia saúde da família na cidade de Brasília-Distrito Federal. Método: estudo observacional, do tipo relato de caso, conduzido à uma idosa da comunidade durante a visita domiciliar. Os dados foram coletados por meio do questionário VES-13. No artigo **CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia e Mara Rúbia Rutzen realizaram uma pesquisa bibliográfica e documental para comparação e discussão com a realidade do Centro de Saúde do Idoso de Blumenau. No artigo **COMO NOS TEMPOS DA “BABA”:** A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI, Matheus Alexandre Razera, Valter Martins analisar diferentes receitas e a prática de preparar cerveja artesanal, descobrir como este saber é aprendido e repassado. Para tanto

utilizamos o método da História Oral e textos teóricos sobre História da Alimentação. No artigo **CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**, os autores José Daniel Soler Garves, Andrezza Santos Flores, Cibele Diogo Pagliarini, Ângela Coletto Morales Escolano buscam discutir a importância do uso consciente da água, os motivos dessa escassez, as consequências do uso inadequado e a necessidade de redução do consumo de água. No artigo **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**, os autores Auristela Duarte Moser, Fernanda Cury Martins Teigão, Kethelyn Contente Alves, buscam Construir um instrumento multidisciplinar de avaliação da funcionalidade em idosos institucionalizados baseado na CIF e validá-lo com especialistas da área. No artigo **DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)**, a autora Pamela da Costa Lopes Sales busca apresentar os laços de sociabilidade e as situações de conflito vividos pelos moradores, antes e após a política urbanística de regularização implementada pelo poder público municipal. No artigo **DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”**, os autores Ana Elisa Nardo Caseri e Carmem Lúcia Sussel Mariano buscou-se analisar como o Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e os usos que têm sido feitos desses temas pela mídia. No artigo **EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: o papel da formação continuada**, os autores Maria Almerinda de Souza Matos, Cátia de Lemos, Claudenilson Pereira Batista buscaram relatar os avanços na educação de uma criança cega a partir da formação continuada para a mãe e a professora. No artigo **ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMAR DO SÉC. XXI**, os autores Marcia Scavinski e Valter Martins analisar mudanças e permanências nas práticas e no ofício dessas benzedadeiras ao longo do tempo, compreendendo as suas práticas curativas, investigando a memória dessas mulheres a partir de depoimentos, relacionando com a história da religiosidade popular.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“¡ISABEL O MUERTE!”: O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA <i>EL CAUDILLO</i> (1973-1975)	
Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski	
DOI 10.22533/at.ed.7601924041	
CAPÍTULO 2	17
OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER	
Claudia Peixoto Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.7601924042	
CAPÍTULO 3	35
A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva	
Mariele Rodrigues Correa	
Leonardo Lemos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924043	
CAPÍTULO 4	47
A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA	
Gabriel Pancera Aver	
DOI 10.22533/at.ed.7601924044	
CAPÍTULO 5	61
A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA	
Érica Elisa Nickel	
DOI 10.22533/at.ed.7601924045	
CAPÍTULO 6	69
A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO	
Francisca Janice Silva	
Ana Paula Fernandes Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7601924046	
CAPÍTULO 7	80
A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA	
Andréia de Oliveira Militão	
Angela Maria Sales Barros	
DOI 10.22533/at.ed.7601924047	
CAPÍTULO 8	92
A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE	
Amanda Rebeka Lima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924048	

CAPÍTULO 9	107
A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ	
Janaiára Maria de Paiva Ferreira Sandra Maria Fontenele Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7601924049	
CAPÍTULO 10	115
A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS	
Everton Gabriel Bortoletti Laise Ziger	
DOI 10.22533/at.ed.76019240410	
CAPÍTULO 11	122
A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO	
Fernanda Penteado Alison Diego Leajanski Willian Samuel Santana da Roza	
DOI 10.22533/at.ed.76019240411	
CAPÍTULO 12	130
A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA	
Gabriela Cristina Maximo Evandro Fernandes Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76019240412	
CAPÍTULO 13	139
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA	
Isa Stavrakas Ana Lee Claudio Rebeca Josiane Ferreira da Silva Sandra Esteves de Camargo Vanessa Alves Duarte de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.76019240413	
CAPÍTULO 14	152
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: OS RITOS DE PASSAGEM E AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO	
Isa Stavrakas Fernanda Alexandre dos Santos Loide Giacometti Bervanger Stefani Leite Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.76019240414	

CAPÍTULO 15	165
A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA	
Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida Stefani Monique Vasconcelos Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.76019240415	
CAPÍTULO 16	174
AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO	
Helane Santana Cruz Vínicius Zacarias Maldaner da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76019240416	
CAPÍTULO 17	182
CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Mara Rúbia Rutzen	
DOI 10.22533/at.ed.76019240417	
CAPÍTULO 18	192
COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI	
Matheus Alexandre Razera Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.76019240418	
CAPÍTULO 19	207
CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
José Daniel Soler Garves Andrezza Santos Flores Cibele Diogo Pagliarini Ângela Coletto Morales Escolano	
DOI 10.22533/at.ed.76019240419	
CAPÍTULO 20	216
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)	
Auristela Duarte Moser Fernanda Cury Martins Teigão Kethelyn Contente Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76019240420	
CAPÍTULO 21	230
DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)	
Pamela da Costa Lopes Sales	
DOI 10.22533/at.ed.76019240421	

CAPÍTULO 22	246
DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”	
Ana Elisa Nardo Caseri	
Carmem Lúcia Sussel Mariano	
DOI 10.22533/at.ed.76019240422	
CAPÍTULO 23	258
EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA	
Maria Almerinda de Souza Matos	
Cátia de Lemos	
Claudenilson Pereira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.76019240423	
CAPÍTULO 24	270
ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMIAR DO SÉC. XXI	
Marcia Scavinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.76019240424	
SOBRE A ORGANIZADORA	287

DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”

Ana Elisa Nardo Caseri

Universidade Federal do Mato Grosso, curso de graduação em Psicologia Rondonópolis - Mato Grosso

Carmem Lúcia Sussel Mariano

Universidade Federal do Mato Grosso, curso de graduação em Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Educação Rondonópolis - Mato Grosso

RESUMO: Ante a significativa participação da mídia na construção simbólica das representações sobre a infância e juventude e as respectivas repercussões, em especial, no campo educacional no que tange às questões de gênero, corpo e sexualidade, neste estudo, buscou-se analisar como o Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e os usos que têm sido feitos desses temas pela mídia. Este estudo sustenta-se nos aportes teóricos da Psicologia Social Crítica, dos Estudos Sociais da Infância e dos estudos sobre mídia e infância e na metodologia da Hermenêutica de Profundidade, proposta por John Thompson. Foram identificados quatro episódios (*cases*), cuja análise indicou que a sexualidade de crianças e jovens foi abordada no Programa “Profissão Repórter” pela ótica

negativa, ou seja, associada a questões que envolvem violência, risco, perigo (abuso, pedofilia, gravidez “precoce”) e que tais temas receberam uma abordagem sensacionalista e pouco informativa. Observou-se elementos de espetacularização nos dois *cases* que abordaram o abuso sexual de crianças. Se é inegável que temos o dever de proteger as crianças de toda sorte abusos e violências, não é a partir do espetáculo dessas violências ou da criação de pânico morais que iremos enfrentá-las. Nossa análise visa contribuir para que a mídia reflita sobre sua produção simbólica, entendendo, tal como alerta John B. Thompson, que o plano simbólico não é inócuo, muito pelo contrário, os discursos são constitutivos e constituídos nos diferentes modos de estruturação das práticas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: discursos sobre a infância e juventude; direitos da criança e do adolescente; mídia e infância.

ABSTRACT: This study addresses the significant participation of the media in the symbolic construction of representations on childhood and youth and their repercussions, especially in the field of education regarding gender, body and sexuality issues. We sought to analyze how the Program “Profissão Reporter”, from Rede Globo de Televisão addressed the themes associated with child and juvenile

sexuality. With the aim to apprehend what senses are being constructed and the uses that have been made of these themes by the media. This study is supported by the theoretical contributions of Critical Social Psychology, Social Studies of Childhood and studies on media and childhood and the methodology of Depth Hermeneutics proposed by John Thompson. Four cases were identified. The analysis indicated that the sexuality of children and young people was addressed in the “Profissão Reporter” Program in negative perspective. It can be associated with issues involving violence, risk, danger (abuse, pedophilia, pregnancy “ precocious “) and that such topics received a sensationalist approach and little information. It was observed elements of spectacularization in two cases that dealt with the sexual abuse of children. If it is undeniable that we have a duty to protect children from all forms of abuse and violence, it is not from the spectacle of such violence or from the creation of moral panics that we are going to confront them. Our analysis aims to help the media reflect on their symbolic production, understanding. According to John B. Thompson, that the symbolic plan is not innocuous, on the contrary, the discourses are constitutive and constituted in the different ways of structuring social practices.

KEYWORDS: discourse about childhood and youth; rights of children and adolescents; media and childhood.

1 | INTRODUÇÃO

A mídia participa da construção social da infância e podemos compreender isto por meio de alguns estudos que abordam criticamente esta participação e a sustentação das relações de poder e dominação em uma perspectiva adultocêntrica (ARFUCH, 1997; NAZARETH, 2004; ANDRADE, 2001; ANDRADE, 2005; PONTE, 2005; CARLSSON e FEILITZEN, 2002; MARIANO, 2010; 2012; MORAES e MARIANO, 2015; ROSEMBERG e ANDRADE, 2012; ROSEMBERG e MARIANO, 2010; MORAES, 2017).

Tendo em vista que principalmente após a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), problemáticas da infância e juventude passaram a ter maior visibilidade, principalmente midiática, este estudo parte de uma perspectiva que problematiza como as temáticas da infância e juventude vem sendo introduzidas no debate público, perspectiva esta compartilhada por autores como Andrade (2001); Freitas (2004); Nazareth (2004); Mariano (2010). Tais estudos indagam sobre os repertórios e os recursos retóricos geralmente empregados quando a infância adentra na mídia. Como nos mostra Cristina Ponte (2005), nas sociedades contemporâneas, as crianças carregam forte carga emotiva e, não raro, são usadas como fonte de drama e sensacionalismos. Assim, se, por um lado, é importante que enfrentemos as problemáticas que atingem a infância e juventude, por outro, é importante ficarmos atentos aos usos retóricos que podem ser feitos dessas categorias etárias, principalmente ante as assimetrias de poder nas relações adulto-criança, pois, conforme os Estudos Sociais da Infância têm mostrado, os adultos podem produzir discursos,

ações, campanhas, reportagens em “nome das crianças” que não necessariamente irão beneficiá-las.

É importante ressaltar que consideramos o enfrentamento das mazelas que atingem a infância da maior relevância, entretanto, problematizamos o modo como isto tem adentrado na mídia e que representações de infância isso tem engendrado. A literatura tem mostrado que a infância aparece na mídia em situações específicas: violência, desvio, risco e em situações associadas a sexualidade (PONTE, 2005; MARIANO, 2010; ROSEMBERG e ANDRADE, 2012). Isso porque se tem feito um uso sensacionalista das crianças pela mídia. Conforme salienta Moraes (2017, p. 85), “não raro, os profissionais da mídia utilizam de sensacionalismo para abordar as temáticas da infância e juventude e não ponderam sobre os efeitos perniciosos no modo de produzir essa visibilidade da infância e juventude, que pode, inclusive, gerar pânicos na sociedade”.

Assim, problematizamos que os discursos que foram se instalando após a aprovação do ECA, pode, por um lado, representar um grande avanço para o bem-estar das crianças, mas, também, podem fortalecer dispositivos de controle sobre os corpos das crianças e disseminar pânicos morais, como temos visto em relação à “pedofilia” ou abuso sexual de crianças (MORAES, 2017). Neste sentido, buscamos analisar como o Programa “Profissão Repórter” abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e que usos têm sido feito desses temas pela mídia.

Tendo em vista que a televisão constitui o meio midiático com maior influência no Brasil, segundo BERBICK (2012) pode-se considerar que o telejornalismo tem um importante papel na construção social e cultural dos telespectadores. Utilizando técnicas audiovisuais como jogo de câmeras, este meio de comunicação promove assim uma poderosa interação junto aos telespectadores.

O programa Profissão Repórter é um telejornal da rede Globo que começou em 2006 como um quadro no Fantástico. O quadro, na medida em que foi ganhando audiência, passou a ser reconfigurado para um programa semanal, comandado pelo jornalista Caco Barcellos, que tem uma carreira de 40 anos de profissão. O telejornal ganhou destaque por ter temas sociais abordados semanalmente e por mostrar os bastidores da produção de notícias. Por retratar de temas sociais, o programa abordou temas como o abuso sexual de crianças, gravidez na adolescência, o início da vida sexual.

Nesta esteira, este estudo, com apoio dos aportes teóricos da Psicologia Social Crítica, dos Estudos Sociais da Infância e estudos sobre Mídia e Infância, realizou o levantamento e analisou o tratamento dado às temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil no programa televisivo *Profissão Repórter* da Rede Globo, a partir de um enfoque crítico sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea.

2 | A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA DA MÍDIA

A infância, por muito tempo, foi ignorada para as sociedades ocidentais. Segundo Ariès (1978), na época medieval não havia separação entre o adulto e a criança. O conceito de infância nasceu a partir de uma série de construções sociais. Deste modo, a infância foi construída na modernidade quando começou-se a reconhecer as especificidades e necessidades das crianças. Nesse período, a infância começou a ser vista como símbolo de fragilidade e inocência, principalmente através da Igreja que afirmava a necessidade de isolar os pequenos e protegê-los.

Conforme a pesquisa iconográfica realizada por Ariès (1997), a criança começou a aparecer no século XIII nas pinturas dos anjos das Igrejas. No século XIV a criança ganha uma representação de gênero e aparece não só nas pinturas, mas nos contos, esculturas e na tapeçaria. Foi no século XVII que a infância tornou-se um assunto importante por meio da influência da Igreja e marcou a imagem da criança como um ser inocente, ingênuo e que deve ser protegido (ARIÈS, 1978).

A infância começou a ganhar destaque no campo das políticas no Ano Internacional da Criança (AIC), celebrado em 1979. O AIC tinha a missão de tornar público a importância das necessidades e problemas que a infância passava pelo mundo (ROSEMBERG e MARIANO, 2010). Segundo Mariano (2010), o AIC precisaria constituir um ano de obras promovidas em cada país em favor do avanço da circunstância local das crianças, passaria a instigar o compartilhamento de ações e recursos internacionais para gerar seu bem-estar.

Deste modo, a partir do AIC e da aprovação da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), começam a ser produzidos discursos que falam “em nome da criança” e que buscam o reconhecimento de direitos das crianças, e, “no final do século XX, movimentos, tanto no campo científico como em torno dos direitos da criança, contribuíram para que crianças e adolescentes ascendessem ao estatuto de sujeito e à dignidade de pessoa” (MARIANO, 2010, p. 17).

No Brasil, foi principalmente após a aprovação do ECA, em 1990, que discursos e ações relacionados a temáticas que envolvem a sexualidade infantil ganham maiores proporções:

O dia 18 de maio foi instituído pela Lei nº 9.970/2000 como o “Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes”. Desde o ano de 2000, a partir da aprovação do “Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil”, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, vem desenvolvendo uma série de programas e projetos sobre o tema que incluem a promoção de campanhas de sensibilização e mobilização” (MARIANO, 2012, p. 2).

Com o tema de combate ao abuso e à exploração sexual infantil em alta nos discursos e nas políticas públicas, a mídia começou a trazer este tema para seus programas e jornais diários. O enfrentamento de tais questões é de suma relevância, entretanto, problematizamos o modo como isto tem adentrado na mídia e que

representações de infância isso tem engendrado.

Discursos sobre a infância e adolescência em situação de vulnerabilidade social e de estigma, como os que circulam em torno de problemáticas da infância e adolescência associadas à sexualidade e a violência, podem, tal como adverte Feilitzen (2002), atender mais às estratégias sensacionalistas da mídia do que a um tratamento que contribua para uma compreensão dos fenômenos sociais focalizados (MARIANO, 2012, p. 78).

Estudos mostram que as crianças são sub representadas na mídia, mas, quando aparecem, o tratamento dado às crianças é a partir de duas representações contraditórias: como vítimas ou como algozes (PONTE, 2005). Ou seja, quando as representações contemporâneas sobre a infância são abaladas, a criança vira notícia. Assim, ante a representação construída sobre as crianças como seres ingênuos, assexuados, vulneráveis, incompetentes, irracionais, a literatura que aborda a representação das crianças na mídia, mostra que a mídia vem retratando e as crianças como dependentes, passivas, vulneráveis e necessitando proteção (MARIANO, 2010; ANDRADE, 2001; FREITAS, 2004; NAZARETH, 2004; ANDRADE, 2005). Pesquisas nacionais sobre a abordagem da sexualidade infantil na mídia apontam que o tratamento jornalístico para as crianças e adolescentes tende a mostrá-los de um ponto de vista negativo, na sua maior parte com enfoque sensacionalista e associados a temáticas que remetem ao desvio, à violência e à sexualidade (MARIANO, 2012; PONTE, 2005; NAZARETH, 2004; ANDRADE, 2001, MORAES, 2017).

3 | METODOLOGIA

Esta investigação utilizou o método da Hermenêutica de profundidade (HP), proposto por John Thompson (2002), para a exame das formas simbólicas no contexto de comunicação. Este método compõe um referencial que coloca em evidência o objeto de análise em uma construção simbólica expressiva.

A HP é constituída por três fases. A primeira consiste na análise do contexto sócio-histórico de produção e reprodução das formas simbólicas sob análise, no nosso caso, os *cases* do Programa Profissão Repórter que abordaram temáticas relacionadas à sexualidade infantil. Deste modo, esta primeira fase da HP está sistematizada no tópico da revisão da literatura.

A segunda fase da HP é composta pela análise formal ou discursiva, ou seja, é quando é empreendida uma análise das formas simbólicas sob análise. Foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (1988), para analisar os *cases* selecionados.

Para constituição do nosso *corpus* de pesquisa, foi realizado um levantamento, abrangendo o início do programa até o ano de 2016, dos episódios (*cases*) do programa Profissão Repórter, selecionando aqueles que abordaram temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil (abuso sexual, pedofilia, prostituição infanto-juvenil,

etc). Esta seleção foi feita após assistir os arquivos de todos os episódios do referido programa que abordaram temáticas da infância e juventude (14 episódios). A partir desse procedimento, foram identificados quatro *cases* que tiveram o foco temático associado à sexualidade infantil, conforme quadro abaixo:

Título do case	Data de veiculação
Gravidez na adolescência	22/11/2011
Abuso sexual de crianças	29/05/2012
Como os adolescentes lidam com o início da vida sexual	13/08/2013
Disque 100 recebe 50 denúncias de abuso sexual de crianças por dia	27/06/2016

Quadro 1: relação de cases analisados

A terceira e última fase da HP é a interpretação/reinterpretação, que consiste na síntese das duas fases anteriores: a articulação dos resultados da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva. Esta fase implica um movimento novo de pensamento, uma construção criativa por meio da qual se oferece uma interpretação do que é dito ou representado pela forma simbólica sob análise.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os *cases* selecionados foram analisados criticamente, a partir de algumas categorias de análise. A seguir, é apresentada uma breve descrição de cada *case*, seguidos de alguns apontamentos e discussão.

No *case* “gravidez na adolescência”, veiculado em novembro de 2011, a equipe escolheu ir para a capital do Amazonas, Manaus, para fazer uma reportagem sobre o “grande índice de adolescentes grávidas no estado”, conforme uma “pesquisa” feita por uma médica entrevistada durante o programa. Para realização do programa, foram selecionadas três personagens, uma de 13 anos, outra de 15 e a terceira de 11 anos de idade.

A edição do *case* começa com três conjuntos de imagens das três personagens em casa, apresentando os enxovais dos futuros bebês. As personagens, mesmo já tendo sua gravidez apresentada no programa com um “problema”, cada uma delas traz mais um “problema” particular. Luciana, já estava sentindo o preconceito de ser mãe solteira, Laisla engravidou para sair de casa e atender a vontade do namorado e Camila, “obstruiu” a infância para começar uma vida de “adulto”. Uma característica em comum é que todas as personagens são de famílias de baixa renda e vivem com a família.

A análise deste *case* nos leva a destacar o fato de terem sido abordadas somente personagens de baixa renda, sustentando, portanto, um imaginário que as famílias e as adolescentes pobres são irresponsáveis, como se este fenômeno não ocorresse em outras classes sociais. Destacamos, também, a ênfase em apresentar a gravidez

na adolescência como um “problema social”. A literatura vem questionando estes tipos de associação sobre a gravidez/maternidade na adolescência, pois podem sustentar relações de dominação etárias e de classe social (NAZARETH, 2004). Além disso, as personagens tiveram a sua identidade revelada, com exposição dos nomes e imagens, em uma situação em que foram associadas a algo negativo.

O outro *case*, “Abuso sexual de crianças”, veiculado em maio de 2002, começa com a entrevista de uma das personagens chamada Isabelle, de São Gonçalo, Rio de Janeiro, já com o foco na dramática história de vida da personagem, que sofreu abusos dos 8 anos até os 11 anos pelo padrasto, revelando seu nome e seu rosto. Outra personagem que entra em cena em seguida é Joanna Maranhão, nadadora que participou de vários campeonatos importantes de natação, e que, em 2008, tornou público os abusos sexuais que sofrera aos 9 anos pelo seu treinador de natação. Ambas as personagens tiveram a exposição de nomes e imagens, entretanto, no caso da primeira, não fica clara a intenção dela em ter sua identidade revelada e associada ao abuso sexual sofrido, algo manifesto em relação à Joanna Maranhão, uma figura pública, com ativismo no combate ao abuso sexual de crianças.

A reportagem segue mostrando a visita realizada pela equipe do programa ao Fórum de Justiça de Porto Alegre, onde entrevistam um Juiz que afirma que 80% dos casos de abusos são de crianças menores de 11 anos. A reportagem dá destaque para o fato daquele Fórum ter sido o primeiro a praticar o “depoimento sem dano”, técnica criada com objetivo de conseguir as respostas no depoimento da criança de uma forma mais “adequada” e este procedimento é detalhado na reportagem, inclusive com a gravação de uma audiência “ao vivo”, trazendo depoimentos reais de crianças que sofreram abuso. Esta gravação foi inicialmente negada pelo juiz, mas, mediante a insistência da equipe de reportagem, foi autorizada a gravação do áudio do diálogo do juiz com a criança.

Na sequência, a equipe mostra o dia a dia das duas personagens principais na tentativa de mostrar como suas vidas seguiram. Depois, em entrevista, perguntam de modo explícito sobre como eram os abusos, por quanto tempo e como elas se sentiam. Porém, a pergunta sobre como era o abuso só foi dirigida para a personagem Isabelle que, obviamente, demonstrou ficar muito incomodada ao responder.

Neste *case*, sobressai o fato de que a abordagem do programa privilegiou personagens que sofreram abuso, portanto, com alto teor dramático. Trazer cenas de crianças relatando abusos sexuais é algo impactante por si só e explorar nuances de situações tão doloridas denota uma abordagem sensacionalista de um tema que constitui um problema tão sério e tão complexo. Além disso, houve desrespeito a imagem de uma das personagens (Isabelle), pois teve sua identidade revelada em situação vexatória ou constrangedora, algo vedado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (artigos 17 e 18).

Outro *case* analisado foi “como os adolescentes lidam com o início da vida sexual”, veiculado em agosto de 2013, e teve como foco os seguintes locais: escola, igreja e

família dos adolescentes. O *case* começa mostrando uma pesquisa que revela que, na cidade de Salvador, 36,5% dos alunos do nono ano “perderam sua virgindade”. Para dar “concretude” aos dados, a equipe de reportagem faz perguntas sobre o assunto de “perder a virgindade” com adolescentes de uma escola pública de Salvador.

O programa focaliza os seguintes casos: um casal cujos parceiros escolheram esperar para ter sua primeira relação sexual após o casamento; uma adolescente que engravidou logo quando teve sua primeira relação sexual; um adolescente que já teve sua primeira relação, porém depois que começou a frequentar um grupo da Igreja diz não mais pretender ter relações sexuais até seu casamento; e o caso de um adolescente que namora com uma adolescente de sua sala da escola, sendo que sua família conversa sobre sexualidade e incentiva o uso da camisinha.

Este *case* apresenta que na escola particular onde as famílias são de classes médias e alta a discussão sobre sexualidade gira em torno da religião e o assunto não é discutido dentro de casa, mas somente na escola. Um fato que confirma o tratamento da sexualidade como algo negativo e ligado a valores religiosos foi o diálogo da repórter com uma adolescente grávida, tendo a repórter se reportado ao início da vida sexual como “perda da virgindade”. O termo virgindade vem da igreja Católica quando traz como valor que a mulher solteira perderia sua pureza se tiver relação sexual antes do matrimônio. Assim, a reportagem reproduziu um enfoque moralista e religioso, posto que associou o início da vida sexual à perda, portanto, a algo negativo, que não deveria ocorrer.

O programa também mostrou que nas escolas públicas o assunto sexualidade é mais discutido e que, para a equipe do programa, na escola pública a maioria dos(as) alunos(as) já iniciaram a vida sexual, gerando uma construção simbólica de que somente os adolescentes das classes mais baixas teriam maior incidência de vida sexual ativa e “gravidez na adolescência”.

Além desses aspectos, só foram mostrados casos ou personagens heterossexuais, silenciando sobre relações homoafetivas, biefetivas ou outras formas de expressão do desejo. Portanto, a reportagem teve um crivo heteronormativo e contribuiu para, no plano simbólico, naturalizar a heterossexualidade como padrão a ser esperado para quem está iniciando a vida sexual.

O último *case* é o “Disque 100 recebe 50 denúncias de abuso sexual de crianças por dia”, veiculado em junho de 2016, e o foco da equipe do programa foi em casos de condenados por abuso de menores de idade. Ao iniciar o programa, ao som de sirenes de polícia, já é anunciado que serão entrevistados personagens condenados por abuso sexual de crianças e que serão mostrados os traumas causados por estes crimes. Os principais personagens da reportagem são um agressor que foi preso por abusar de meninos e meninas durante a aula de informática, um agressor diagnosticado com pedofilia e um agressor que abusava de sua enteada mais velha e ficou 8 anos foragido até ser preso.

No caso do personagem pedófilo é focado o diagnóstico médico do abusador

como portador da “doença de pedofilia”, mostrando os remédios que toma diariamente e falas sobre o tratamento e sobre o que sentia, em termos de desejo, em relação a crianças. Neste caso, a equipe do programa também entrevista um médico psiquiatra que afirma que somente 20% dos casos de abusos os agressores são portadores da doença, entretanto, o enfoque da reportagem é todo sobre “pedófilos”, levando a uma construção de sentidos de que os abusos sexuais contra crianças estariam associados somente à pedofilia.

O espetáculo também foi a tônica deste *case* e mais uma vez fica claro o enfoque na patologização dos agressores, retirando, assim, o caráter cultural que motiva tais agressões, ou seja, desfoca dos aspectos machistas, sexistas, patriarcais e adultocêntricos de nossa sociedade que levam ao abuso de crianças e adolescentes.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os *cases* analisados indicam que a sexualidade de crianças e jovens foi abordada, foi abordada no Programa “Profissão Repórter”, em sua maioria, pela ótica negativa, ou seja, associada a questões que envolvem violência, risco, perigo (abuso, pedofilia, gravidez “precoce”) e que tais temas receberam uma abordagem sensacionalista e pouco informativa, além de revelar a identidade de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Os programas buscavam em alguns *cases* se embasar em pesquisas, como no *case* sobre “gravidez na adolescência”, que utilizou a pesquisa de uma médica chamada Ione Rodrigues, do Amazonas. Ao partir de uma a pesquisa médica, o programa busca legitimidade para tratar do tema e acaba patologizando e generalizando que toda “gravidez na adolescência” seria problemática. A sexualidade, portanto, é apresentada como risco, como perigo, como algo a se prevenir. Além disso, ao apresentar casos de “gravidez na adolescência” somente de meninas pobres, contribuiu para a construção simbólica de que este seria um fenômeno restrito às classes empobrecidas e enseja estereótipos negativos sobre a sexualidade de meninas pobres (promiscuidade, irresponsabilidade), bem como enseja políticas de controle sobre as famílias pobres.

No *case* sobre “abuso sexual infantil”, o programa, na ânsia de mostrar a “inovação” do “depoimento sem dano”, explicita que, por várias vezes, o juiz tenta forçar a criança a falar sobre o assunto. Em um dos depoimentos mostrados, a criança não quer falar para psicóloga e chora, o juiz vai até a sala da psicóloga e questiona a criança até ela concordar em falar. Neste caso, os repórteres tentam entrar para filmar e, ao serem barrados, insistem em pelo menos gravar o áudio do juiz falando com a criança. Essas atitudes mostram o quanto o programa e o juiz foram invasivos com uma criança em uma situação tão dolorosa e constrangedora. A equipe do programa deixou claro que se preocupava mais em coletar cenas impactantes para reportagem do que em respeitar a criança e seus direitos. Portanto, importou mais o espetáculo daquela

situação em si do que colocar a criança a salvo de situação vexatória, inclusive, sem o cuidado de preservar sua identidade.

Ao analisar os *cases* selecionados foi possível perceber que o programa analisado aborda de modo sensacionalista as temáticas associadas à sexualidade infantil e que, no caso das temáticas do abuso sexual e gravidez na adolescência, com foco predominante na exposição das vítimas, mesmo que isso viole os direitos das crianças e adolescentes. Além disso, a sexualidade de crianças e jovens só é abordada pelo viés negativo: do abuso, da violência, do risco da gravidez, ensejando a construção da imagem de “crianças em perigo”.

Se é inegável que temos o dever de proteger as crianças e adolescentes de toda sorte abusos e violências, não é a partir do espetáculo dessas violências ou da criação de pânicos morais que iremos enfrentá-las. Há outras dimensões da sexualidade de crianças e adolescentes que precisam também ser consideradas, por exemplo, os direitos sexuais e reprodutivos de crianças e jovens, inclusive para que tenham informações adequadas, conforme as respectivas faixas etárias, tanto para se protegerem do abuso sexual, como para poderem ter atitudes saudáveis e fazerem escolhas responsáveis.

Entendemos a mídia como uma caixa de ressonância da sociedade, por isso, analisar suas produções é, de certa forma, apreender os sentidos gerados e compartilhados em uma sociedade. Por outro lado, a mídia pode tanto sustentar a produção de estereótipos, como provocar mudanças de olhares. No caso de nossa análise, embora seja patente o intuito do Programa em denunciar problemáticas da infância, por vezes, recai no que Rosemberg e Andrade (2012) denominaram de “armadilhas do discurso”, ou seja, uma produção discursiva estigmatizadora contra os mesmos grupos sociais que se busca defender.

Portanto, nossa análise visa contribuir para que a mídia reflita sobre sua produção simbólica, entendendo, tal como ensina Thompson (2002), que o plano simbólico não é inócuo, muito pelo contrário, os discursos são constitutivos e constituídos nos diferentes modos de estruturação das práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância). **Infância na mídia**. A criança e o adolescente no olhar da imprensa brasileira. Relatório 2003/2004. Ano 10, n. 14, julho/2005. Disponível em: <http://www.andi.org.br/>

ANDRADE, L. F. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ANDRADE, M. P. de. **A categoria ‘meninos de rua’ na mídia: uma interpretação ideológica**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ARFUCH, L. **Crímenes y pecados: de los jóvenes en la crónica policial**. Buenos Aires: Cuadernos del Unicef, 1997.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1988.

BERBICK, C. **Profissão Repórter e a construção da infância**: a idealização, a marginalização e o senso comum. Porto Alegre, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V. (Orgs). **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

MARIANO, C. L. S. Usos da infância: algumas considerações sobre a valorização do agendamento na mídia do tema do “abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes”. In: SOUZA, L. L.; SALGADO, R. G. (Org.) **Infância e juventude no contexto brasileiro**: gêneros e sexualidades em debate. Cuiabá: EdUFMT, 2012, p. 63-85.

_____. **Direitos da criança e do adolescente: os marcos legais e a mídia**. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MORAES, J. C. de O. S. **Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita**. Rondonópolis, 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso.

_____; MARIANO, C. L. S. Infância, mídia, abuso sexual: fatos e textos dos discursos jornalísticos. **Anais do Congresso de Pesquisa em Educação**, 2015. Rondonópolis/MT.

NAZARETH, L. **O discurso da mídia sobre a adolescente grávida**: uma análise da ideologia. São Paulo, 2004. 187 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PONTE, C. **Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

ROSEMBERG, F. e ANDRADE, M. Infância na mídia brasileira e ideologia. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (ORGs). **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012, p. 285-307.

_____. e MARIANO, C. L. S. A Convenção Internacional dos Direitos da Criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 693-728, set./dez. 2010.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2002.

APÊNDICE

Cases analisados

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. **Profissão Repórter**. Manaus: Rede Globo, 22 de novembro de 2011. Programa de TV.

ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS. **Profissão Repórter**. São Paulo: Rede Globo, 29 de Maio de 2012. Programa de TV.

COMO OS ADOLESCENTES LIDAM COM O INÍCIO DA VIDA SEXUAL. **Profissão Repórter.**
Salvador: Rede Globo, 13 de Agosto de 2013. Programa de TV.

DISQUE 100 RECEBE 50 DENÚNCIAS DE ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS POR DIA. **Profissão Repórter.** São Paulo: Rede Globo, 27 de Julho de 2016. Programa de TV.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-276-0



9 788572 472760